



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
GÊNERO E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO**

**VIVÊNCIAS DE PROFESSORES TRANS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
DE FOZ DO IGUAÇU
FATORES ESTRESSORES E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL.**

KÁCILLA ARIANNE SANDOVAL DA SILVA GARCIA

Foz do Iguaçu/PR

2024

**VIVÊNCIAS DE PROFESSORES TRANS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
DE FOZ DO IGUAÇU
FATORES ESTRESSORES E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL.**

KÁCILLA ARIANNE SANDOVAL DA SILVA GARCIA

Monografia apresentada ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Educação.

Orientador: Marcos de Jesus Oliveira

Foz do Iguaçu/PR

2024

KÁCILLA ARIANNE SANDOVAL DA SILVA GARCIA

**VIVÊNCIAS DE PROFESSORES TRANS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
DE FOZ DO IGUAÇU
FATORES ESTRESSORES E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL.**

Monografia apresentada ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Educação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Jesus
Oliveira
UNILA

Profa. Dra. Élen Cristiane Schneider
UNILA

Prof. Me. Angel Ferreira
UFSC

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de 2024.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do/a autor/a: _____

Curso: Especialização em Gênero e Diversidade na Educação

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: _____

Data da defesa: _____ / _____ / _____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino- Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de 2024.

Assinatura do Responsável

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas de turma que me acompanharam durante essa trajetória, todas as trocas que tivemos foram essenciais para meu crescimento profissional. Ter a possibilidade de compartilhar essa caminhada com pessoas tão incríveis e admiráveis foi um privilégio, a aproximação com cada um me permitiu diversas desconstruções que colaboraram para minha evolução enquanto ser humano, sou imensamente grata por essa oportunidade.

RESUMO

Este trabalho apresenta relatos de professores trans da rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu, descrevendo vivências negativas ou traumáticas e relacionando com a maneira conservadora que a temática de gênero e sexualidade são tratadas no ambiente escolar. Através de entrevista semiestruturada realizada com dois professores trans, busca-se identificar possíveis fatores estressores nas vivências relatadas e como microagressões e discriminações podem impactar na saúde mental desses profissionais. O trabalho também identifica momentos de acolhimento e apoio na busca pela superação deste cenário conservador e preconceituoso presente na sociedade e que permeia o espaço escolar. Através deste trabalho e da análise dos relatos, é possível perceber que ambiente escolar tem reproduzido e permitido situações que reforçam a perpetuação de estigmas, o que gera impacto negativo na saúde mental desses profissionais.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, ambiente escolar, professores trans, saúde mental.

RESUMEN

Este trabajo presenta relatos de profesores trans de la red municipal de educación de Foz do Iguaçu, describiendo vivencias negativas o traumáticas y haciendo relación con la forma conservadora en que la temática de género y sexualidad es tratada en el ambiente escolar. A través de una entrevista semiestructurada realizada con dos profesores trans, se busca identificar posibles factores estresantes en las experiencias relatadas y cómo las microagresiones y discriminaciones pueden impactar la salud mental de estos profesionales. El análisis de los relatos confirma cuánto el ambiente escolar puede reproducir y permitir situaciones que refuerzan la perpetuación de estigmas y afectan la salud mental de estos profesionales. El trabajo también identifica momentos de acogida y apoyo en la búsqueda de superar este escenario conservador y prejuicioso presente en la sociedad y que permea el espacio escolar.

Palabras clave: género, sexualidade, escuela, profesores trans, salud mental.

ABSTRACT

This paper presents reports from trans teachers in the municipal school system of Foz do Iguaçu, describing negative or traumatic experiences and relating them to how gender and sexuality topics are contextualized as a conservative way in the school environment. Through semi-structured interviews conducted with two trans teachers, the study seeks to identify possible stressors in the reported experiences and how microaggressions and discrimination can impact the mental health of these professionals. The analysis of the reports confirms how the school environment can reproduce and allow situations that reinforce the perpetuation of stigmas, which negatively affect the mental health of these professionals. The study also identifies moments of support and acceptance in the pursuit of overcoming this conservative and prejudiced environment that permeates society and the school space.

Keywords: gender, sexuality, schools, trans teachers, mental health.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Carreira docente e saúde mental.....	12
3. Gênero e sexualidade no ambiente escolar.....	14
4. Relatos de professor e professora transexuais – Identificação de fatores estressores e possíveis impactos na saúde mental.....	15
4.1 Situações desafiadoras ou traumáticas.....	16
4.2 Experiências de suporte e apoio em situações desafiadoras ou traumáticas.....	20
5. Considerações finais.....	21
6. Referências.....	23

1. Introdução

Considerando que o cenário das salas de aula da rede básica de ensino já é bastante fatigante para os professores e equipe pedagógica em geral, levando em conta “as exigências de trabalho, uma vez que os professores ministram um número cada vez maior de horas-aula para manter as exigências e as pressões existentes” (SOUZA; CARBALLO; LUCCA, 2023, p. 6), busco destacar todas essas exigências somadas situações estressantes vivenciadas por categorias minoritárias, neste caso referente à identidade de gênero.

Este trabalho se desenvolveu norteado pelo objetivo de identificar possíveis fatores que potencializam o estresse e possam refletir negativamente na saúde mental de professores trans. A identificação destes fatores se dá a partir da realização de duas entrevistas semiestruturadas feitas com dois professores da rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu. A primeira entrevista é realizada com uma professora atuante na Educação Infantil, etapa do sistema de ensino que como previsto no Artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB de 1996, tem como finalidade “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. A segunda entrevista foi respondida por um professor do Ensino Fundamental I, etapa de ensino que entre as finalidades estabelecidas na LDB, destaco a “formação básica do cidadão, mediante o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.”

Ao citar os objetivos e finalidades definidos na LDB, busco dar evidência à importância do professor nas etapas iniciais da educação infantil, mostrando que a atuação docente envolve a responsabilidade pela formação de valores sociais, como tolerância, respeito às diversidades e solidariedade, alcançando além da transmissão de conteúdos formais. Ou seja, a ação de estar em sala de aula nas primeiras etapas do sistema educacional significa assumir papel essencial no processo de uma sociedade mais inclusiva, igualitária e respeitosa.

Após a escuta destes relatos, busco destacar as vivências ocorridas no

ambiente escolar que demonstrem a presença de discriminação, estigma ou exposição e estejam relacionados especificamente ao fato serem pessoas trans.

Em se tratando de categorias minoritárias, cotidianamente ocorrem situações de preconceito e discriminação, permitindo que indivíduos sejam subjugados por não se adequarem as normas dominantes, a recorrência desses casos demonstra o quanto tais atitudes são normalizadas e aceitas. Podemos considerar que esse cenário é decorrente de posicionamento cultural, já que “a cultura é aquela que codificou nossas ideias a respeito da diferença sexual, racial, ou nossas relações com a natureza” (VICH, 2015).

Pensando a respeito da forma que são (ou não) apresentadas temáticas envolvendo gênero e sexualidade no ambiente escolar, sugere-se que há dificuldade de uma abordagem inclusiva, respeitosa e que estimule um ambiente igualitário. Considerando que esses fatores são essenciais na formação dos alunos, a omissão da escola pode acabar refletindo e permitindo que professores e professoras lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – LGBT, sejam expostos a situações desgastantes pautadas em valores e práticas conservadoras que afetam diretamente a maneira como são vistos, julgados e inclusive tratados.

Sabendo que pessoas LGBT vivenciam o chamado estresse de minorias, caracterizado como “o preconceito e o estigma dirigidos às pessoas LGBT que provocam fatores de estresse únicos e estes fatores de estresse causam resultados adversos para a saúde, incluindo perturbações mentais e físicas” (Meyer e Frost, 2013), busco através dessa pesquisa, identificar alguns destes fatores estressores que envolvem vivências ocorridas no espaço escolar e possam causar impactos na saúde mental e conseqüentemente o desempenho dos professores e professoras, já que “o modelo de estresse de minorias mostra que as circunstâncias do ambiente, especialmente relacionadas com o estigma e o preconceito, podem provocar estresses que as pessoas LGBT vivenciam durante toda a vida” (Meyer, 2015).

A estrutura do trabalho primeiramente apresenta a carreira docente e saúde mental de professores em geral, trazendo referências que afirmam a presença do desgaste físico e emocional na vida profissional dos professores. Em seguida, embasado principalmente nos estudos de Guacira Lopes Louro,

afirma-se o quanto gênero e sexualidade vêm sendo apresentados no ambiente escolar de maneira binária, reforçando então posicionamentos excludentes e conservadores. O tópico seguinte traz os relatos retirados das entrevistas e estão divididos em duas partes, sendo classificados entre situações desafiadoras ou traumáticas e outro que traz as experiências de suporte e apoio em situações desafiadoras ou traumáticas. Através da análise dos relatos descritos, é possível fazer a identificação de fatores estressores vivenciados pelos professores entrevistados, tais fatores serão descritos nesses tópicos que finalizam o trabalho.

2. Carreira docente e saúde mental

Ao falarmos da carreira docente na rede básica de ensino, sabemos que se trata de uma profissão desafiadora e de maneira geral, bastante desvalorizada tanto no setor público quanto privado.

“Os professores da Educação Básica, principalmente de escolas públicas, se encontram em sofrimento físico e emocional devido aos problemas de infraestrutura e os fatores psicossociais do trabalho relacionados com as elevadas demandas de trabalho, a falta de autonomia, a qualidade ruim dos relacionamentos e a violência. ”
(SOUZA; CARBALLO; LUCCA, 2023, p. 7)

Se levarmos em consideração o ritmo de trabalho acelerado, carga horária exaustiva, alto nível de exigência e tantas outras camadas que envolvem o trabalho dos professores, é notório o surgimento de um contexto desfavorável à qualidade de vida, o que conseqüentemente impacta na saúde mental dos profissionais. Por saúde mental a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como “um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade. A saúde mental implica muito mais que a ausência de doenças mentais.” A qualidade de vida dos professores pode ser um indicador em relação ao ambiente de trabalho, já que envolve o equilíbrio entre vida pessoal e profissional, portanto um ambiente de trabalho que proporcione bem-estar, suporte e reconhecimento é elemento

essencial na construção da saúde mental.

Apesar de estar claro que o ambiente de trabalho é um dos fatores que exercem papel fundamental na qualidade de vida, a carreira docente é diariamente marcada por diversas atividades, desde administrativas à extracurriculares. Geralmente supervisionadas com alto nível de exigência, constante necessidade de adaptação em relação às mudanças curriculares, resolução de conflitos entre alunos e familiares, além de tantas outras demandas que poderíamos identificar e elencar. Todas essas situações têm manifestado alta incidência de problemas psicológicos e físicos por conta de desgaste emocional significativo.

A docência é permeada por situações que podem levar à exaustão, tanto física como emocional, devido às precárias condições de trabalho, associados à infraestrutura, características próprias da organização do sistema educacional em escolas públicas e privadas e fatores psicossociais que contribuem para o adoecimento do docente. (SOUZA; CARBALLO; LUCCA, 2023, p. 5)

É válido ressaltar que esse cenário não afeta somente a saúde individual dos professores, mas a qualidade do ensino e inclusive o estado emocional dos alunos, sendo assim, todos esses desafios se tornam urgentes já que o esgotamento dos profissionais da educação abrange âmbitos como a capacidade de ensino e interação com esses alunos.

Recentemente, a saúde mental de crianças e adolescentes tornou-se protagonista em pautas de escolas, formadores de políticas públicas e da comunidade científica devido a seu impacto socioeconômico alarmante. Sobretudo na educação, o assunto tem sido muito debatido, aumentando a lista de grandes desafios do setor. (VIEIRA, ESTANISLAU, BRESSAN E BORDIN, 2014, p. 21)

São frequentes queixas em relação à sobrecarga, desvalorização, pouco ou quase nada de tempo para dedicar ao autocuidado, o que gera a percepção negativa e deterioração da saúde mental. Dessa forma, o ambiente de trabalho precisa ser levado em consideração e revisto, já que as condições de trabalho estão vinculadas à qualidade de vida e ao adoecimento mental.

Para que haja visibilidade dos efeitos e impactos mentais gerados nessa relação que envolve o ambiente escolar, acredita-se que há necessidade de vermos o campo da saúde e educação como áreas que se integram.

Nas últimas décadas, o paradigma da saúde mental evoluiu, ampliando-se, extrapolando conceitos puramente biológicos, passando a considerar sintomas como fenômenos resultantes da interação complexa entre fatores genéticos, biológicos (questões estruturais do cérebro, hormônios, etc.), psicológicos, sociais e culturais. (VIEIRA, ESTANISLAU, BRESSAN E BORDIN, 2014, p. 14)

Sendo então inquestionável o quanto a saúde mental dos professores é componente essencial para o bom encaminhamento da qualidade da educação e do bem-estar da comunidade escolar como um todo, há urgência em adotarmos ações que incentivem, promovam e proporcionem um ambiente mais saudável, já que a saúde mental precisa ser garantida e assegurada, transformando a percepção dos professores de negativa para positiva no que diz respeito ao bem-estar em geral.

3. Gênero e sexualidade no ambiente escolar

Apesar da escola ser ambiente onde o pensamento crítico, autonomia, construção da autoimagem e respeito devem ser estimulados, é possível pensar e idealizar esse ambiente, mas ainda está distante da realidade. O que ocorre de fato, é exposição exagerada e irresponsável do senso comum, de opiniões pessoais que não correspondem à construção de um ambiente que onde as diferenças possam fluir, sendo estimuladas e permitidas forma respeitosa.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. [...] A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, GUACIRA, 1997, p. 57)

Pensar em como se encaminham as temáticas de gênero e sexualidade

na escola, nos possibilita analisar a maneira que professores LGBT são vistos, ou seja, é possível dizer que diversas vivências negativas relatadas pelos professores, se conectam com a forma que assuntos envolvendo gênero e sexualidade são apresentados (ou não) no ambiente escolar.

Em geral, quando a temática de gênero e a sexualidade são apresentadas, ocorre de maneira binária e compulsoriamente heterossexual, segundo Guacira Lopes Louro, “não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais – nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve (LOURO, 1997).

O ambiente escolar tem sido então, espaço de reprodução das normas presentes na sociedade. O que tem ocorrido é a falta de utilização deste espaço contra discursos que reproduzem violências de gênero, permitindo que professores e até mesmo alunos, sejam atingidos. Aceitar que discursos neutros ou conservadores sejam reproduzidos através da educação, é permitir que preconceitos sejam validados e sigam contribuindo para perpetuação de desigualdades, onde categorias minoritárias são silenciadas, desprotegidas ou até mesmo excluídas.

Tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado [...] Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola [...] Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da “norma” [...] A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado na sala de aula acaba por confina-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos. (LOURO, GUACIRA, 1997, página 67)

Precisamos, portanto, estar atentos a tais reproduções, percebendo todas as ferramentas de manutenção da exclusão, que geralmente se iniciam no currículo formal, permeiam a transmissão dos conteúdos, se estendendo até as interações e relações do cotidiano.

Para o enfrentamento dessas questões, é importante não compactuar,

normalizar ou silenciar situações em que pessoas são hostilizadas no ambiente escolar, a instituição escolar não deve se isentar no que diz respeito ao enfrentamento e intervenção que vise a desconstrução de estigmas relacionados à temática de gênero e sexualidade.

4. Relatos de vivências - Identificação de fatores estressores e possíveis impactos na saúde mental

Para que o enfrentamento aos discursos discriminatórios nas escolas seja efetivo, é importante que as experiências negativas vivenciadas por professores que se identificam como LGBT sejam conhecidas.

Os relatos descritos neste trabalho foram coletados através de entrevista semiestruturada com duas pessoas, uma delas se reconhece como travesti e outro como homem trans. Para direcionar a conversa, foram feitas 4 perguntas:

1. Já vivenciou alguma situação com colegas de trabalho em que se sentiu desrespeitado/desrespeitada, invadido/invadida ou gerou desconforto e você possa relacionar especificamente ao fato de ser transexual?

2. E com pais ou familiares de alunos, já teve alguma vivência negativa relacionada ao fato de ser transexual?

3. Em caso afirmativo para as perguntas 1 e 2, qual foi sua reação nessas situações? Você chegou a procurar suporte para resolver? Se sim, como foi o encaminhamento?

4. Como você percebe o fato dos alunos terem a oportunidade de ter uma referência através da convivência diária com uma pessoa transexual?

Os relatos coletados foram organizados em dois blocos: 1) Situações desafiadoras ou traumáticas 2) Experiências de suporte e apoio em situações desafiadoras ou traumáticas. Através dos trechos escolhidos, busco exemplificar a maneira que populações minoritárias sofrem ao enfrentar desgastes chamados de *microagressões*, descritos por Sue (2010, p. 21) como “desprezos, insultos verbais ou não-verbais, intencionais ou não, que comunicam mensagens hostis”. Tais mensagens ocorrem como reação a tudo o que difere da norma socialmente imposta, pois é tido como “desvio” e

passível de julgamento. Perceberemos através das falas da professora e do professor o quanto as *microagressões* permeiam o ambiente escolar.

A primeira entrevista foi realizada com uma pessoa que se reconhece como travesti, é professora na Educação Infantil e atualmente ocupa o cargo de Coordenação Pedagógica e será identificada nos relatos como pessoa 1. A segunda entrevista foi feita com uma pessoa que se declara homem trans, é professor no Ensino Fundamental I, atendendo turmas de 1º a 5º ano e será identificado como pessoa 2.

4.1 Situações desafiadoras ou traumáticas

(Pessoa 1) “Desde o dia que eu assumi o concurso na prefeitura, eu sentia que eles tentavam me exonerar, a secretaria da educação me chamava para reunião, me chamava para ‘dar bronca’, eu não podia levantar para ir no banheiro nos cursos de formação que no outro dia a secretaria me chamava falando que eu estava conversando, que eu não estava cumprindo minha carga de trabalho. ”

(Pessoa 1) “Eles procuraram por diversos meios me exonerar, claro, isso afeta a gente psicologicamente, por que acaba virando ‘luta atrás de luta’, vivia sob pressão, com advogado, delegacia, registrar boletim de ocorrência. ”

É possível perceber que perseguição e vigilância constante, geram um ambiente de trabalho hostil, o que conseqüentemente aumenta os níveis de estresse e ansiedade por parte das pessoas que precisam enfrentar microagressões presentes no cotidiano. O constante esforço para preservar seu emprego, enfrentando repetidas tentativas de demissão, reflete o impacto psicológico da discriminação institucional.

(Pessoa 2) “No início, quando eu entrei na escola, no primeiro contato eu senti uma resistência, um.... Não sei explicar o nome. ”

(Pessoa 2) “Quando assumi o concurso e me apresentei na escola, a coordenadora me olhou ‘de cima a baixo’ e disse que só tinha vaga para professor de educação física e não precisavam de

professor lá, eu me senti muito mal, pela minha fisionomia, cabelo curto, minhas roupas. A pessoa duvidou de mim, precisei entregar o papel de encaminhamento de vaga e eu senti que era por causa da minha fisionomia masculinizada. ”

Outro sintoma que acomete a categorias minoritárias, é o estigma interiorizado, resultado de constantes insultos e comentários depreciativos, onde as pessoas passam a acreditar e aceitar as ideias negativas e estereótipos impostos pela sociedade, o que gera insegurança, baixa autoestima, sentimento de vergonha, inferioridade e auto depreciação.

(Pessoa 1) “Quando eu preciso ir no Protocolo Geral por exemplo, eu já não me sinto confortável, mesmo sendo dentro da prefeitura. Hoje eu já vou preparada, antes eu já saía pensando ‘meu deus, vai acontecer, isso, isso... já premeditando as situações. ”

(Pessoa 1) “Mês que vem teremos formação novamente oferecida por essa instituição que não respeitam meu nome social, então eu já vou preparada por que sei que ‘aquele senhor’ vai me tratar de forma desrespeitosa e truculenta. ”

As emoções que envolvem os relatos acima, não são sobre o que de fato vai acontecer, mas sobre a antecipação e expectativa negativa e baseadas em vivências traumáticas anteriores. Não é incomum que todas as dificuldades enfrentadas pelas minorias resultem em constante estado de tensão, hipervigilância e medo. A antecipação de situações de discriminação reflete o constante estado de alerta em que a pessoa vive, gerando ansiedade e desconforto.

(Pessoa 1) “Acabei de fazer um curso de formação, com uma empresa contratada pela prefeitura, em que o proprietário insiste em me chamar pelo meu “nome morto. ”

(Pessoa 1) “Fui fazer um curso de formação ofertado pelo PTI (Parque Tecnológico de Itaipu) onde não respeitaram o uso do meu nome social, eles me obrigaram a usar o crachá com meu ‘nome morto’. Nesse dia eu fui ridicularizada desde a entrada, até chegar no local do curso, foi muito constrangedor (...) eu fiquei

bastante nervosa, chorei bastante. ”

A ação insistente de usar o nome de nascimento para chamar uma pessoa trans, mesmo após solicitações de correções, reflete desrespeito e causa marginalização e humilhação. A garantia ao direito de uso do nome social está assegurada através do decreto municipal nº 31.530 de 27 de junho de 2023. O desrespeito à esse direito, se configura uma forma de violência psicológica que desumaniza e ridiculariza a identidade de pessoas trans, causando um impacto emocional significativo.

“Uma aluna não ficava nas minhas aulas, não queria entrar. A coordenação chamou os pais para conversar e a mãe relatou que era porque eu tinha aparência de homem – foi antes da transição – comentou que a aluna também não gostava nas minhas tatuagens, que eles eram evangélicos e ela ensinava para a filha que ter tatuagens era ‘coisa do diabo’. Então eu acho que a filha dela vinculou tudo isso dentro da minha pessoa e via em mim tudo que aprendia em casa que era negativo e trazia para dentro da escola. ”
(Pessoa 2)

“Na situação que a menina me achava com aparência de homem – antes da transição, a coordenadora perguntou se eu não usaria uma peruca, para resolver o problema. Em tom de brincadeira perguntou ‘e se você usasse uma peruca, será que resolveria? Porque ela gosta muito de princesa.’ Foi uma situação que eu não conseguia falar, eu não consegui responder ou levar adiante, porque eu fiquei muito mal durante vários meses. ” (Pessoa 2)

O posicionamento da aluna relatado pelo professor entrevistado, transmite claramente um posicionamento baseado em crenças preconceituosas, que foram aprendidas no contexto familiar e se refletem no ambiente escolar através de uma atitude de rejeição. A sugestão da coordenadora buscando “resolver” o problema é uma forma de invalidar a identidade de uma pessoa transexual, que exemplifica outra forma de microagressão se manifestando no cotidiano. Ao apresentar dificuldade em encontrar resposta ou posicionamento adequado diante do preconceito sofrido, pode ser resultado de intensa insegurança, sentimento de angústia e estresse

que pode ocorrer após um episódio traumático.

“Uma vez, na feira do livro, onde os professores foram, eu fui atacada por uma professora que jogou um copo de café quente nas minhas costas.” (Pessoa 1)

Episódios como este, já não se tratam de microagressões, onde somente quem está vivenciando pode perceber, mas demonstra que a violência chega a ser explícita, evidenciando a intolerância existente em ambientes educacionais e como o preconceito pode se transformar em atos de agressão física.

Percebemos claramente que diversas das situações acima representam e exemplificam o que é descrito por Ilan Meyer como de estresse de minorias:

Uma elaboração da teoria do stress social pode ser referida como stress minoritário para distinguir o excesso de stress a que os indivíduos de categorias sociais estigmatizadas estão expostos como resultado da sua posição social, muitas vezes minoritária. (MEYER, 2007, p. 23)

O esforço que é exigido para que essas vivências estressantes sejam enfrentadas cotidianamente, geram um impacto significativo no desenvolvimento da autoimagem e na saúde mental de forma negativa se expressando de diversas formas, como sentimentos depressivos ou ansiosos.

4.2 Experiências de suporte e apoio em situações desafiadoras ou traumáticas

“Trabalhando na Educação Infantil, ao conquistar a criança, conquistamos os pais. Então como as crianças chegam me chamando, dizendo ‘eu te amo’ eu nunca passei por nenhuma situação de preconceito com os pais, a não ser que tenha sido velado.” (Pessoa 1)

“As crianças, elas veem com naturalidade. A vivência das crianças com uma travesti, dá a oportunidade – porque existem crianças gays – ela se reprime por que não há identificação (...) então ali a

gente acaba virando referência para essa criança. ” (Pessoa 1)

O posicionamento e a opinião da professora trazem a clareza da necessidade de proporcionar e estimular uma relação próxima com as crianças. Possibilitar e dar condições para que pessoas LGBT ocupem espaços educacionais (e tantos outros) permite a naturalização e consequente aceitação indireta dos pais, reduzindo a visão preconceituosa e gerando a normalização desses corpos presentes em todos os espaços de forma respeitosa.

“Uma situação de transfobia, eu fui acolhida por que houve uma pressão grande por parte dos professores, por conta do ambiente, não tinha como se esquivar. ” (Pessoa 1)

“Quando desrespeitaram meu nome social, eu processei e ganhei na justiça. Nessa situação, quem me ajudou muito foi a advogada do sindicato, ela me acolheu, achou um absurdo e comprou a minha briga, não teve necessidade de procurar outro advogado, o próprio sindicato tomou essa postura de me defender. ” (Pessoa 1)

O apoio e acolhimento dos colegas não garante que episódios transfóbicos ocorram, mas traz a possibilidade de que a cobrança por justiça ocorra, além disso, demonstra o esforço para um ambiente mais inclusivo e respeitoso, além do apoio institucional e jurídico que se faz indispensável em diversas situações para que o enfrentamento da discriminação e garantia de direitos seja efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste trabalho, percebeu-se que apesar de um dos papéis da escola ser a promoção e valorização de um ambiente acolhedor, diverso e respeitoso, ainda há lacunas bastante importantes a serem preenchidas no sentido de proporcionar condições justas e igualitárias aos profissionais da educação que se identificam como LGBT.

Para que ocorra enfrentamento em relação ao preconceito e discriminação, é necessário que haja intervenções de forma consciente, atualizada, respeitosa e apropriada com foco na desconstrução de estereótipos e construção de um ambiente escolar focado na promoção da diversidade e respeito.

A escuta dos relatos permitiu identificar situações claramente estressantes e traumáticas enfrentadas pelos professores que participaram das entrevistas. Para superar os cenários relatados e descritos pelo professor e pela professora entrevistados, exige-se compromisso não apenas com a educação, mas com o reconhecimento e aceitação das diferenças. Está claro que a educação segue sendo reprodutora de papéis e posicionamentos excludentes e desrespeitosos, por isso se faz urgente trazer visibilidade para pessoas LGBT atuantes nos espaços escolares, para que a escola seja verdadeiramente inclusiva e acima disso, possibilite reconhecimento pelo que estes profissionais têm desempenhado no espaço escolar, independente do gênero que se identificam.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 16 set. 2024.

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (Org.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, I. H. **Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities**. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, v. 2, n. 3, p. 209-213, 2015.

MEYER, I. H.; FROST, D. M. Minority stress and the health of sexual minorities. In: PATTERSON, C. J.; D'AUGELLI, A. R. (Eds.). **Handbook of psychology and sexual orientation**. New York, NY: Oxford University Press, 2013. p. 252-266.

MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU. Decreto nº 1234, de 15 de setembro de 2024. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas trans e intersexuais, no âmbito da Administração Pública Municipal Direta, suas Autarquias e Fundações. Diário Oficial do Município, 28 junho 2023.

SOUZA, Maira Cazeto Lopes de; CARBALLO, Fábio Peron; LUCCA, Sérgio Roberto de. **Fatores psicossociais e síndrome de burnout em professores da educação básica**. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2023.

SUE, Derald Wing. Taxonomy of microaggressions. In: SUE, Derald Wing. **Microaggressions in everyday life: race, gender, and sexual orientation**. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, 2010d. p. 21-42.